

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Crispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 » »
Repetições	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes	

A representação Nacional

I

Os parlamentos devem ser a expressão dos interesses geraes.

Entre nós é por interesses particulares e ás vezes por motivos futeis e caprichosos, que se determinam as influencias dos circulos, e estas subordinam-se quasi todas aos que estão no poder, aceitando as candidaturas officiaes, e d'ahi se segue que ás maiorias representativas faltam sempre as condições devidas.

Corrigir as influencias, que assim viciam a eleição, eis a primeira necessidade, o alvo a que é mister que visem todas as reformas.

Como? eis o espinhoso objecto, sobre que versam muitos dos nossos artigos, e a que hoje acrescentamos algumas reflexões sobre a forma eleitoral.

O que são pois as maiorias? São o que bem querem os governos, que sejam.

Que significam ellas? um contracto simoniaco entre os influentes locais e os que mandam: dizem estes, tomem lá um despacho, uma estrada, um subsidio e deem-nos cá o deputado—ou entram apenas no contracto, que sempre se presume, as esperanças ou as promessas, o que não lhe muda o caracter.

Ha tambem uns empreiteiros geraes, para quem a influencia politica é como se fosse uma certa mercadoria, que arrematam, e com a qual fazem um commercio de retalho com os circulos.

E qual é a expressão dos governos? onde as eleições não tem significação politica, igualmente a não tem os governos.—Representam estes o desejo de mandar, de figurar nas altas posições, de ser o primeiro, e só alguns uma vaga e ligeira confiança em que melhorrem as finanças—mas esta mesma parece-nos, que não se renova sem uma experiencia justificativa.

De que se occupam? De si mesmos, de conservar as adhesões, d'augmental-as por todos os modos, sacrificando as conveniencias do paiz.

Ambições reaes e sérias não as vemos.

II

Tomada a população por base eleitoral, consequente era que a representação de um paiz d'agricultores como o nosso tivesse a côr agricola—mas longe de ser assim, está essa classe debilmente representada, e quasi sem defeza na assembleia legislativa, senhora dos nossos destinos, se não fóra escrava dos ministerios.

Ahi não se levanta voz alguma que se interesse pela agricultura, e mostre conhecer o seu estado, os seus problemas, os seus embaraços, as medidas que reclama, as que a offendem: acerca d'ella completo silencio.

E tambem não é pelos seus representantes, que a industria e o commercio se fazem valer—é por uma acção externa aos parlamentos, é pelas suas reuniões mais respeitadas e temidas, que

vão conseguindo a attenção dos governos.

Ainda que dividido em facções o corpo commercial une-se todo, quando se trata da sua classe, quando chega o momento de protestar contra qualquer proposta ou acto, que o prejudica.

Tem os commerciantes uma ideia mais clara dos seus interesses, e relações mais travadas que os proprietarios: acham-se em suas mãos os maiores capitães disponíveis; enorme é a sua influencia nas grandes cidades; e por isso os governos, que recebem as suas agitações, e sempre estão recorrendo do credito, estão dispostos a attendel-os.

Protestam, representam contra os projectos financeiros, por exemplo, emendam-n'os, apontam erros, e apezar dos ministros, que os elaboram, declaram que não lhes alteram nem uma virgula, são esses projectos modificados. Quasi não ha um acto ministerial d'alguma importancia que intenda com elles, que não acudam as associações commerciaes do Porto ou Lisboa a indicarem e a corrigirem-lhe os defeitos.

III

Os agricultores dispersos em toda a área do paiz, isolados, dos quaes o maior numero se compõe d'homens rudes, os mais submissos, sem ideia alguma da situação, em que se encontram, sem comícios proprios, que os esclareçam, ou os impulsionem, não é facil conseguir que se liguem, e os principaes nunca até hoje tentaram fazer-se valer como classe.

Na assembleia representativa pouco são os membros, que exclusivamente lhe pertencem, e não podendo somente por si vingar um projecto de lei, ou formarem uma opposição effcaz, nada propõem por inutil, e deixam passar tudo a que se podessem recusariam o seu voto.

IV

São frequentes as queixas nos jornaes e nos discursos parlamentares contra a pressão exercida sobre os eleitores pelos governos, ou pelos seus delegados, é em parte verdadeira essa arguição emquanto ás classes inferiores principalmente nas aldeias—mas não é ahi que está o vicio radical das eleições—as auctoridades não as vencem sem o concurso dos influentes locais, e onde estes as abandonam e combatem, nem sequer entram na lucta.

O nosso paiz chega a ser idolatra dos que mandam—um chefe de partido sempre se faz auctoritario, ainda que não deva muito á providencia pelas suas qualidades d'espírito e de caracter. A auctoridade central é tão absorvente e forte, que só poderão resistir-lhe a forma eleitoral por classes, e uma larga descentralisação administrativa, muito além de tudo o que se tem proposto.

V

Quando uma nação se rege pelo sistema representativo, a ninguém se afigura não seja livre—mas não é assim; os seus delegados apenas eleitos não mais se relacionam

com as localidades, que os elegem, nunca as consultam em assumptos de interesse publico, tornam-se indifferentes aos sentimentos, que as animam; nem elles os conhecem, nem ellas muitas vezes os manifestam.

Para as maiorias parlamentares não existe opinião publica—o seu unico norte é a vontade dos governos, que levam a falta de senso até lhes agradecerem a sua dedicação e lealdade.

Ministros e deputados, logo que se reúnem, formam corpo com um espirito exclusivo, e interesses partidarios, a que tudo subordinam.

Entregue, como está, ao governo o que melhor seria o objecto das administrações locais, tudo são entravas, delongas, motivo de dependencias e favores, e a vida na provincia torna-se acanhada, machinal, sem iniciativa, esteril.

Se os cidadãos só gosam da liberdade no acto material d'escoger os seus representantes, o que é ainda uma ficção, as eleições perdem sem duvida a sua essencia e valor politico; futeis são as garantias constitucionaes.

Nos circulos como as classes andam indistinctas ou misturadas no corpo eleitoral e assim não se discriminam nem se pronunciam os seus interesses e pretensões; não é possível a nenhuma d'ellas conseguir uma representação propria, que a faça valer. Estes, os melhores, os mais dignos, afastam-se, retrahem-se com indifferença pelo resultado geral do suffragio, aquelles, se entram com fervor nas luctas partidarias, é por motivos alheios ás conveniencias publicas.

Tal é a causa, porque a representação se falseia, se corrompe, e se annulla.

A correção está por conseguinte na votação por classes em separado.

(Continúa.)

Lowrenço d'Almeida e Medeiros.

Echos da semana

A nossa curiosidade rendeu-nos nomes feios, com que nos brindou a «Discussão».

Vimos o «Ovarense» fallar em gabinete azul, e como nada perceberamos da historia, apezar de aturadas investigações, e como somos sofredores, em conhecer bem, noticias d'esta natureza, atiramos uma pequena bomba exploradora á «Discussão», e calamos-nos.

O plano deu o resultado desejado, porque a «Discussão», immediatamente sahiu á estacada, e poz tudo em pratos limpos, confessando-se conhecedora de todos os gabinetes seja qual fôr a sua côr.

A charada pois, do «Ovarense» não era simples, mas sim combinada; e nós reconhecemos, que não a matariamos, se não fosse o auxilio poderoso, que nos deu a «Discussão».

Mas como não ha gosto sem desgosto, e se tivemos prazer de vêr satisfeita a nossa curiosidade, tambem tivemos o desprazer de sermos applidados de furta-côres e troca-tintas.

O collega errou, mas esse erro é desculpavel, porque foi commetido, na boa intenção de evitar a reincidencia em outro erro.

O collega suppoz, que nós eramos uma linha, e que lhe tinham perguntado qual era a côr da dita, e como não lhe fosse possível responder, com verdadeira convicção, deu uma resposta, que podesse abranger mais do que uma côr.

E não satisfeito com a primeira resposta de furta-côres, deu logo a segunda de troca-tintas.

Não procedeu desacetadamente, mas somente na resposta á pergunta inoportuna que imaginou ter-lhe sido feita, é isto porque a troca ou mistura das tintas obriga a muitas incorrecções.

Na melhor das intenções, sem malquerenças para ninguém, e unicamente levados pelo respeito devido ás auctoridades constituídas censuramos o proceder d'um regedor, que desrespeitou um delegado do seu administrador.

Accudiu logo o «Ovarense» a prevenir o snr. Administrador, de que se acatellasse com intrigas; que não demittisse o regedor, pois este tinha procedido correctamente e a incorrecção tinha sido simplesmente, da parte do administrador em delegar as suas attribuições, em pessoa incompetente.

Do sr. administrador não queremos absolutamente nada; nada lhe pedimos, nem pediremos.

A razão é obvia, pois aquella auctoridade só pode e deve fazer favores, aos seus correligionarios e aos politicos accomodatícios, que todos os dias, ao levantar, olham para a corrente dos ventos.

Não temos interesse nenhum em que o regedor seja demittido ou seja conservado, nem nos hade produzir grande ou pequeno abalo, o proceder do regedor ou administrador.

Do que não prescindimos é do direito da critica.

E dissemos e repetimos, que qualquer administrador do concelho, desde que preze o seu logar, não deve admittir actos irrespeitosos, da parte dos seus subordinados.

N'estas condições, desde que, elle delegue as suas attribuições, em qualquer seu subordinado ou subalterno, a offensa feita ao seu delegado, tem a mesma gravidade que feita a elle mesmo.

Incontestavelmente, que o secretario da administração é um subordinado e subalterno do administrador, e portanto este pode delegar n'aquelle, as suas attribuições.

Mas se o regedor não procedeu incorrectamente, para que, é que, no dia seguinte, como diz o «Ovarense», foi dar todas as satisfações ao seu superior?

Oh vira! Oh vira!

Assim gritava n'um dia d'esta, semana, um pescador d'uma companhia do Furadouro, na occasião em que procuravam voltar o barco, de prôa ao mar.

Todo o pessoal da companhia estava occupado n'este serviço;

porém o barco não se mexia, e o pregoeiro, com riso escarninho, e de olhos fitos em dois triumphos, gritava em voz indolente e cadenciada—oh vira! oh vira!

Mas o barco estava pregado á areia.

Depois, todo o pessoal, olhando os mesmos alvos do pregoeiro, gritou—oh vira! oh vira!

E o barco continuava de prôa á terra.

Os dois triumphos entreolhando-se e virando as costas ao barco, seguiram em direcção opposta a este, dizendo o mais velho ao mais novo: isto é piada do gabinete azul.

Apenas os dois se afastaram, o pregoeiro gritou oh desvira! oh desvira, e o barco virou-se immediatamente.

1832 a 1833

O Cerco do Porto

AS REFORMAS LIBERAES

VI

Abrindo a historia do Cerco do Porto pelo sr. Luz Soriano lêmos o seguinte:

«O exaltado partido realista, ou miguelista, que nenhum incommodo, nem sombra de perseguição tinha soffrido do partido Liberal tanto em 1820, como em 1826; que em ambas estas epochas fruio sempre os seus postos, empregos, honras, e pensões; este partido, digo, vendo-se agora senhor do governo, não escrupulisou pagar generosidade com ingratião, recorrendo, apenas lhe foi possível, a todos os meios da mais barbara perseguição contra os constitucionaes: e se estes meios não adquiriram desde logo todo o gráo de exaltação, e intolerancia, que tiveram mais ao diante, o receio que lhe infundio o exercito foi quem o obrigou a sobrestar por mais algum tempo nos planos, que meditava.

«E decretada por ultimo a convocação dos Tres-Estados, tendo abandonado o infante o seu titulo legal de regente do reino, não restou mais duvida alguma de que se ia pôr de parte a dissimulação, e realizar quanto antes os projectos de usurpar a corôa para D. Miguel, segundo os ardentes desejos dos homens de 30 de abril. De todos estes passos foi prévia, e devidamente avisado o ministerio inglez pelo seu embaixador em Lisboa, sr. Frederic Lamb; todos os ministros estrangeiros suspenderam as suas funcções diplomaticas, apenas se lhes communicou o decreto da convocação dos Tres-Estados, mas tudo isto foi mera formalidade de que zombou D. Miguel, e o partido, que aliás estavam certos do favor, e boas graças, que tinham na politica dos diferentes gabinetes da Europa. Carlos X, induzido pelo ministerio Villele, tinha já dissolvido a guarda nacional de Paris, acto que o povo francez vio por então com indifferença posto que attentatorio fosse da sua liberdade; e a sua politica contra a Carta constitucional de D. Pedro não era equivooca, desde que ella chegara a Portugal. A

Hespanha dominada cada vez mais pelos frades, pela junta apostolica, continuava no seu proposito de manter na Peninsula o mais requintado poder absoluto. A morte de George Canning tinha levado ás mãos do partido *tory* os destinos da Grã Bretanha, coincidindo com as primeiras tentativas da usurpação em Lisboa a elevação ao poder do duque de Wellington em Londres, e pouco depois d'isto a queda do ultimo representante, e membro do antigo ministerio Canning, o ministro dos negocios estrangeiros, Lord Dudley, que na sua repartição foi substituido pelo notavel Lord Aberdeen. Postos de parte os disfarces, o novo gabinete inglez começou a ser desde então o protector mais decidido da usurpação de D. Miguel, em apoio do qual vinha tambem a politica da Austria, e a das mais potencias do Norte da Europa, que então eram o que sempre foram, votados partidistas da causa do absolutismo.

«Terrível era com effeito a posição dos constitucionaes n'este reino; atraçados pela politica estrangeira, que de D. Pedro conseguira para D. Miguel a nomeação de seu Logar Tenente em Portugal; abandonados pelo mesmo D. Pedro, que a este tempo tinha já declarado a sua abdicção completa; e perseguidos finalmente, como já começavam a ser, pelos partidistas do infante, a sua alternativa ou de se entregarem vergenhosamente, sem mais resistencia nem combate, á condição de vencidos, soffrendo como taes todos os horrores de um partido vingativo, e sanguinario, ou de provarem novamente a sorte das armas, desenrolando por mais esta vez a bandeira da liberdade.

«Desde então todos olharam para a cidade do Porto como a unica taboa de salvação para o partido constitucional, e esta heroica capital das tres provincias do Norte não correspondeu debalde á confiança que se tinha posto no seu espirito patriótico. Nas visinhanças d'Aveiro se confederou, apenas teve logar a dissolução da camara dos deputados uma, pequena reunião de constitucionaes decididos d'onde partiu sempre como fôco de liberdade um raio de luz que illuminou todas as pessoas de uma pura crença nos principios da legitimidade, e da Carta, e sobre tudo os commandantes e officiaes de varios corpos, que tinham escapado até então ás devassas ordenadas pelo governo de Lisboa, não podiam ignorar o desastroso futuro, que lhes estava imminente pelo seu bom espirito, manifestado durante a regencia da Infanta D. Isabel Maria. Aveiro foi pois a primeira cidade, onde appareceu de facto o primeiro grito de guerra contra as pretensões de D. Miguel, levantado na manhã do dia 16 de maio, pelo batalhão de caçadores n.º 10, e por varios cidadãos com elle associados: levadas a este termo as cousas, declararam o infante por então privado, e decahido da regencia pela perfidia da sua conducta, e premeditada usurpação, e lavrado na camara municipal o auto da nova aclamação de D. Pedro, d'alli partiram os sublevados para o Porto com tenção de se unirem á respectiva guarnição d'esta cidade, que em resultado das combinações anteriores, devia ter secundado o movimento d'Aveiro.

Por isso quando passamos pela quinta dos Santos Martyres nos commovemos á lembrança de que era alli, na caza, de que ainda hoje existem as ruínas, onde se faziam as reuniões secretas d'esses homens generosos, que por uma ideia, pelo futuro do paiz, arriscavam a sua fortuna, os seus logares, e alguns d'estes eram eminentes, e a sua vida.

Alugára a caza e presidia a essas reuniões o chanceller do Porto, Francisco Lourenço d'Almeida, pae do signatario d'estas linhas.

Depois de rebentar a revolução liberal n'aquella cidade, veio d'alli um esquadrão de cavallaria affim de ir assumir o governo das justias, no qual expediu uma porta-

ria convidando os collegas a reclamarem a assignatura do auto em que reconheceram a D. Miguel: e sendo por isso accusado e preso nas cadeias da Relação, onde foi companheiro de quarto do distincto general Claudino, ainda viu sair d'alli para a forca alguns dos infelizes condemnados pela terrível Alçada.

Dos seus serviços se occupa o mesmo historiador em outras passagens que á trasladamos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos—e as Modernas Idéas do sr. Theophilo Braga.

XLII

Ainda o sr. Theophilo Braga e Balzac

Attendamos nós ao que o mestre nos diz, das profundezas do sophá em que dorme e da tranquillidade profunda de uma hora de regalado ocio: Olhem essa linda obra que traduzi, essa perfeição, esse mimo, tudo para utilidade vossa! cinco tostões de Balzac bom! trezentas paginas (aliás duzentas e sessenta e duas) que vos vão dar o antegoso de quatrocentas que já vos prometto! Bom e barato!

Ficac sabendo o que é o romance realista... d'alem Pyreneus, senhores romancistas de meia tigella que nós cá temos; compa-ra-o com o que por ahi se escreve e se inventa, senhores portu-guezes, meus ingenuos e ignoran-tissimos concidadãos; vejam se são capazes de traduzir assim, de traduzir isto ó esquecidos, ó des-mazelados, ó ridiculos traducto-res?! Eu bem sei por que vos não atreveis com Balzac; é porque lhe tendes medo, é porque a sua forma não é para as vossas «mãos mer-cenarias», é porque a sua dicção se não presta a quem é «estylista» e a quem «traduz de empreit da!»

Para genio, genio e meir!»
E todos se curvam reverentes e cheios de temor e respeito e beijam a mão paternal do sr. Theophilo Braga, a mão caridosa e austera que nos dá o pão e o ensino.

Do meio da turba um ou outro intrasigente, sob o risco de expor as costas ao «ensino» que não teme, grita que não gosta do «pão», emquanto a maioria encolhe os hombros de indifferente com os modos de quem diz: o que não mata engorda. E vai deixando cahir e voltar ao pó d'onde vieram os soporíferos livros do sr. Theophilo Braga.

Elle, impassivel, volta á azafama; desenterra fados e cantigas, copia pergaminhos antigos, diz pela millessima vez coisas velhas e relhas, affirma aqui para se contradizer acolá, transcreve um manuscrito; apóssa-se de uma pagina de phisolophia bastante obscura, traz á luz velhos pensamentos esquecidos e tudo isto misturado e mechido como rans e sapos na caldeira de uma bruxa dá por fim um producto diabolico e cabalístico a que o dono chama um estudo e que se apresenta a cada um de nós com o disfarce traiçoeiro de um livro. Mania, pura mania! *Telha* como o nosso povo diz.

Depois dos argumentos do sr. Silva Pinto, só restam no seu folhetim umas simples opiniões, a algumas das quaes responderei.

Assevera o meu contendor que o sr. Theophilo Braga «disse bem alto que existia lá fóra aque le gigante maior que Walter-Scott, maior que Charles Dickens, rival de Molière e de Sheakepeare... e para o provar, traduziu.»

Traduziu! isto é fel-o mais pequeno ainda que o sr. Theophilo Braga é! Traduziu! isto é em vez de um Balzac de granito ou de bronze apresentou-nos um Balzac de papelão. Imaginem a estatua colossal do genio reduzida á mesquinhez de uma desfigurada estatueta de *biscuit!*

Quer agora saber o sr. Silva Pinto qual o motivo por que o «mundo nos póde chasquear?» E' por o sr. Theophilo Braga ser professor de litteratura moderna, «especialmente a portuguez», no curso superior de letras e pela sua ignorancia cair em desacertos taes que a sua posição na especialidade do seu ensino é desgraçadissima e desacreditada para sempre; é por o sr. Theophilo Braga ser examinador de francez nos lyceus de Portugal e traduzir francez da maneira lastimosa que se tem visto; é por o sr. Theophilo Braga ter recebido a sua educação litteraria nos nossos estabelecimentos officiaes, ser doutor de capello pela nossa Universidade, gosar entre nós da auctoridade de um erudito, ser ouvido como um mestre e como um oraculo, querer ter direito a entrar na nossa Academia e ser réu confesso de falta de probidade litteraria, e ignorante supino nos conhecimentos mais elementares e comesinhos.

E isto, um homem que recebe homenagens de Michelet e se carteia com sabios allemães, segundo elle diz e se gaba todos os dias!

Este escriptor está desauthorizado para todos os effeitos emquanto se não baptisar nas aguas regeneradoras dos seus preparatorios e nos não provar evidentemente que ellas o purificam.

O sr. Theophilo Braga tem de ser um obreiro da civilização universal, como todos nós. Não trabalha para si, trabalha para a humanidade e a sua obra cae no seio da «geração presente» que a estuda, a critica e a archiva.

Ora, por geração presente todos sabem o que eu designo. Não o sabe porém o sr. Silva Pinto referin lo-se a palavras que eu disse-ra, responde-me: «O nosso nome!» Será pó ventura ao nome da geração presente que allude o sr. F. Costa? Pois essa geração tem nome?—»

Não sei, meu amigo Silva Pinto, o que lhe hei-de responder a isto. Parece-me uma grande catturice da minha parte, pôr-me agora a explicar-lhe o que a geração presente é. Fazer-lhe ver e sentir que é alguma coisa mais elevada e mais valiosa que meia duzia de adversarios do sr. Theophilo Braga, unicos membros da geração presente que o meu contender, na sua extraordinaria cegueira, imagina existirem.

Fernandes Costa

Chronica d'um vagabundo

E' costume, na intensiva manifestação da alegria atravez as edades, festejar com lautos e opiparos banquetes, regados de preciosos vinhos, uma commemoração natalicia.

Emfim o que se chama uma festa d'annos!

E' certo que a simples consideração d'esta cerimonia envolve a idea de grandezas culinarias, esplendores da sciencia de cozinhar, que em todos os paizes tem merecido as atenções dos gastronomos.

E' fatal ao toast, entre uma digestão que se inicia morosamente, e a absorção de transparentes licores, o velho brinde de congratulação por mais uma flôr desabrochada no jardim da vida,—se o amphitrião da festa é uma donzella—por mais um passo cavallheiresco que deu no caminhar da mesma se ainda o amphitrião é um insigne varão.

Ha mesmo dos convidados, alguns, já um pouco abstractos das pequeninas coisas da terra, que julgam ouvir, no retinir das taças que se chocam, effusivamente, o festivo badalar do bronze que em outros tempos annunciou aos seus conterraneos o nascimento do feliz mortal que se refestela rodeado de amigos.

Em volta da meza reina a alegria, e a expansão amiga de todas as ideas.

Todavia, quando se encontra isolado, depois de terminada a

festa esplendida, escutando somente a voz serena dos pensamentos, o feliz que transpoz mais um anno para o descanso do tumulto, reconsidera.

Antes de mais nada acode-lhe a espicaçar-lhe a alma a quantia enorme a que montou o festim.

E, com franqueza, para quê? A creatura olha para si, vê-se mais avelhentada, com mais um anno,—365 longos dias de trabalhos e canceiras a pesar-lhe nos hombros.

E na mudez do discorrer mentalmente sobe-lhe á bocca uma imprecação feroz de despeito e desalento.

Custa-lhe a compreender como se festeja o avançar para o aniquilamento, para a velhice que nos faz perder o direito a tirar da existencia o partido que d'ella tiramos na mocidade.

Parece-lhe que são todos extremamente cobardes e extremamente idiotas em se alegrarem com a despedida do vicio e frescura dos verdes annos.

E' uma falta de gosto indesculpavel, como se alguém desejasse a fuga rapida da primavera, e acolhesse com demonstrações de regosijo o advento carrancudo do inverno.

Elle bem sabe que todos os amigos desejam que aquella festa se repita por *muitos annos e bons!*

Aos seus ouvidos soam a cada momento as palavras que lhe dirigiam, com apertos de mão effusivos; *ad multos annos...*

Sempre isto, e só isto. Mas nem uma só bocca se abriu, para n'um accento de bondade lhe dizer:

—Oxalá que conserves sempre a frescura d'essa idade.

Ninguém lhe prometteu o estacionamento n'uma idade de rosas, plagiando o Josué biblico fazendo parar o Sol no seu giro incansavel.

Ao mesmo tempo que nos envolve o tedio da vida, n'uma tenaz de ferro valente, achamos d'um comico irresistivel as festas d'annos, como em algumas partes tambem o delirio das libações apoz o enterro de alguém que foi abastado.

E eu que prescretei ha pouco, em seguida a uma festa d'annos para que me convidára o amphitrião da mesma, os seus modos de sentir a tal respeito, posso affiançar que é a sua mais pura traducção o que deixei escripto.

Onhip.

SECÇÃO COMICA

Já não ha excursão a Vianna!... E que tristeza, que máguia, que dôr, que pezar, que desolação!...

Quem, e como, ha-de, agora, calar, contentar as *gentilissimas vareirissimas!*

Ellas, que julgavam ter, já, o *passaro na mão*, como se costuma dizer; ellas, que tinham para estrear riquissimos trajes; que tinham os seus *farneis*, pode dizer-se, *promptos*; emfim, que só lhes faltava tomar logar no *comboyo*, ouvir as *trez badaladas* e... *marchar*;—ellas, ellas!... quem as ha-de confortar!...

E' o cumulo da *pouca sorte!*

E' o diabo; é o proprio inferno em vida!...

Adeus Vianna; adeus Coimbra; adeus Bussaco!...

Já não temos excursão, A Coimbra ou Bussaco, A Vianna tambem não!...

Vae o anno muito fraco, Meus amôres do coração!...

E aposto com quem fôr, Que, segundo eu não m'engano, Não teremos excursão, Nem d'aqui por mais um anno!...

Um Conselho, pois, vos dou, De primeira, d'uma canna, P'a vós irdes, como eu vou, Muito breve até Vianna.

Raparigas e rapazes! Do casorio é já tratar, Que do *mel* a vossa lua, Podereis ir lá passar.

Vamos ter luz electrica!... Que bom, que catita, que chic, que rico, que bello, que deslumbrante, que ha-de ser o espectáculo que nos offerecerá a nossa terra illuminada a luz electrica!...

Não ha mal que sempre dure nem bem que se não acabe; diz o dictado, e é verdade.

—Ficamos sem excursão, mas, em compensação, vamos ter electricidade *fôra e dentro*; na rua e em casa.

Depois, não só fica mais baratinha a illuminação caseira, pela modicidade do seu preço, mas tambem não gastam, as creadas, tanto dinheiro em phosphoros, aos patrões, nem perderão tanto tempo a friccionar a cabecita do phosphoro, como perdem, para acender o mal cheiroso e incommodo candieiro de petroleo.

Eu, pelo menos um *biquinho*, hei-de mettel-o; e, depois se vir que dá resultado metterei mais!

Toda a gente está satisfeitissima com este importante melhoramento, applaudindo muito a ideia.

Porém, sejamos francos e diga-se em abono da verdade; eu não acho a ideia lá muito boa, não!... pensem bem, e verão que são da minha opinião, porque:

Se de noite eu pretender, No namoro dar um beijo, Dez ou doze, *stás a ver!*... Certo é, que é meu desejo, Que ninguém nos possa ver.

E portanto quem derraça, Não sómente já não fuma, Mas prefere a luz mortica, Ou melhor será nenhuma.

Bartholomeu.

Carta da Aldeia

Ha grande indignação entre os lavradores das nossas aldeias contra o artigo publicado no «Ovarense», de 4 do corrente, sob a epigraphe «Providencias Administrativas», no qual o articulista pede a execução das posturas Municipaes com relação ao transito de escaços. Como protesto os lavradores mais remediados resolveram ir fazer as suas compras de escaços ás praias da Granja e d'Aforáda, onde lhes é facultado o transito a toda a hora, e os menos remediados deixarão os seus campos sem estrumar, dado o caso que seja posto em execução o artigo 50 das posturas Municipaes.

O articulista do «Ovarense» não conhece, com certeza, quantos são os prejuizos causados com a execução do tal artigo das posturas Municipaes, porque se os conhecesse, em vez de pedir a sua execução, teria, antes esclarecido ao Sr. Administrador do concelho, quando lhe constou que Sua Ex.^a ia tomar providencias sobre tal assumpto, as graves circumstancias, que poderiam advir d'essa execução, para que o Sr. Administrador podesse providenciar de forma a não prejudicar os interesses do concelho.

Repito, que, com certeza, o articulista nenhum conhecimento tem da materia, e, se o tem, é muito pouco amigo dos interesses d'agricultura, porque deseja o sacrificio de duas classes, que bastante precisam de protecção.

E' provavel que o articulista do «Ovarense» se espante, e até me censure, por lhe dizermos que são duas classes sacrificadas com a prohibição do transito do escaço a toda a hora, pois, para elle, isso que se chama escaço, representa, talvez, uma coisa sem importancia alguma. Engana-se.

O escaço da costa do Furadouro é uma das fontes de riqueza do Concelho d'Ovar: E' o forte da nossa agricultura, em primeiro logar, e em segundo, um ramo de Commercio de bastante importancia.

Na costa do Furadouro ha, talvez, algumas desenhas de negociantes de escaço: D'ahi sustentam as suas familias e d'ahi se rimem.

Estes negociantes pagam a cen-

tenas de mulheres, que lhes fazem a condução do escaço da «bordamir» para os seus armazens, e essas pobres mulheres, o mais das vezes, se valem d'esses magros vintens, ganhos na condução do escaço para matar a fome a si e a seus filhos. As companhas de pesca, muitas vezes, não teriam quem lhes desse um vintem pelo seu pescado se não fossem os negociantes de escaço, porque, ha occasões, em que o pescado só para esse effeito serve, e outras, em que abundancia a isso obriga.

Todo este movimento a quem se deve? D'onde sahem os capitaes para o custeio d'este commercio, d'onde centenaes de pessoas tiram seu sustento? E' ou não da agricultura? E', ou não, da algibeira do lavrador, que sahem esses capitaes? Prohibido que seja o livre transito ao lavrador na condução do escaço este recorrerá immediatamente ás Costas do Norte para as suas compras e lá ficará o dinheiro, que faria parte do movimento da nossa Costa do Furdouro.

Que farão, depois, todas aquellas pessoas, que vivem quasi exclusivamente á custa do escaço?

Diga-o o articulista do «Ovarense»!

Até aqui a acção Commercial. Mas volvamos os olhos, e vejamos uma outra causa—a principal. Vejamos agricultura.

Vejamos os enormes sacrificios, que faz o nosso lavrador para conseguir adubar os seus campos; como porem sejam ainda poucos esses sacrificios, prohibe-se-lhes o livre transito do escaço para mais o sacrificar, e assim ficarão duas classes sacrificadas pelo insignificante facto dos carros não poderem conduzir escaço através da villa a qualquer hora do dia.

Tudo isso está muito bem; assim o mandam as posturas Municipaes, e o articulista do «Ovarense» exige o seu cumprimento sem querer saber de quem sofre ou geme. Pois, Snr. Articulista não lhe damos parabens pela sua ideia; e note que não falamos por paixão, porque não somos lavrador nem negociante de escaço, mas somos adversario da sua opinião, porque d'ella só nos poderão vir prejuizos futuros.

Tempos houve em que o transito d'escaços foi prohibido de dia mas n'esses tempos o commercio d'escaço, no Foradouro, chegou a tal decadencia, que não atingia a vigessima parte d'hoje e a agricultura do nosso Concelho chegou ao ultimo grau de esterilidade. Vieram novas administrações, e tolerou-se o transito do escaço; o commercio d'este progrediu; a produção agricola no concelho foi-se fertilizando ao ponto de ser hoje invejada, devendo a sua maior acção ao escaço, e não consta que n'estes annos, a Villa tenha sido infectada por motivo do mau cheiro exhalado dos carros de escaço na sua passagem durante o dia.

O escaço raras vezes vem da Costa em estado de putrefacção; ou é fresco d'um ou dois dias, ou tem levado sal para o conservar; e, em qualquer d'estes casos o seu cheiro não é insupportavel, e por isso é de razão e justiça, que se faça um pequeno sacrificio para evitar um maior damno.

Ovar 7 de Agosto de 1907.

Um Imparcial.

NOTICIARIO

TEMPO

Dissémos que esta semana, era provavel haver chuva, e hoje, com mais força, affirmamos que ha todas as propabilidades de a termos.

Oh diacho!... que fomos nós dizer?!

Lá vae o bello sexo, em parte, ficar escamado comnosco!...

Pois, nem sequer, nos lembramos de que ha esta semana, a festa de Nossa Senhora da Saude, e de que as gentis leitoras talvez

lá queiram ir; e n'este cazo, fallar-lhes em chuva, dizendo que ha todas as propabilidades de a termos, podem ellas julgar que nós nos interessamos por que ella venha. Não, Não!...

Perdão, pois, gentis donzelas!...

A chuva é muito necessaria á agricultura; mas nós cá ficamos pedindo a Deus e Nossa Senhora que nos conserve o tempo, bom até ao dia seguinte ao da festa afim de que nós possamos tambem ir á Senhora da Saude vêr a nossa querida mais que tudo.

PESCA

Tem havido trabalho de pesca, sendo o seu producto sem importancia alguma.

De Manáus

Vindo de Manáus, onde é importante commerciante, chegou, na quinta-feira, a esta villa, o nosso amigo o snr. Manoel de Pinho da Graça.

Excursão

Ficou sem effeito a excursão, que estava destinada a Vianna do Castello, na proxima quinta-feira, 15 do corrente.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Pedimos aos nossos Ex.^{mas} assignantes, que viverem no Furdouro, durante a epocha balnear, a fineza de nos avizarem quando mudarem para lá, afim de não soffrerem qualquer alteração no recebimento d'este Jornal.

CORAÇÃO DE MARIA

Principiam, na proxima sexta-feira, 16 do corrente, as novenas em honra do Sagrado Coração de Maria, pelas 5 horas da manhã, realisando-se a festividade no dia 25.

NOVEIS LEVITAS

Na igreja matriz, d'esta villa, celebrou no domingo passado a sua primeira missa o nosso amigo rev.^o Manoel da Silva Brandão, filho do Snr. Antonio da Silva Brandão, importante commerciante, d'esta villa.

S. Ex.^a Rev.^{ma} partirá em breve para a Africa, afim de desempenhar a nobre, piedosa e patriótica missão de missionario portuguez.

Na capella dos Bragas, cidade do Porto, celebrou, tambem, a sua primeira missa, o nosso amigo Rev. Antonio Pereira d'Almeida, filho do sr. José Pereira d'Almeida, abastado proprietario do lugar do Sobral, d'esta freguezia.

S. Ex.^a Rev.^{ma} continua a exercer, como até aqui, com distincção, o cargo de professor do internato, no Seminario dos Carvalhos.

E na igreja matriz, da freguezia de Cortegaça, d'este concelho, celebrou a sua primeira missa o nosso amigo Rev. José Maria Francisco dos Santos.

Os noveis levitas pronunciaram discursos brilhantes, assistindo as pessoas de mais alta cathegoria social.

A's Ex.^{mas} familias e a S. Ex.^{as} Rev.^{mas} enviamos sinceros parabens, anhelando-lhes um futuro perenne de felicidades.

Necrologia

Falleceu o sr. Manoel Ferreira Regalado, considerado proprietario, do lugar de Guilhovae, d'esta freguezia.

Endereçamos á familia enlutada as nossas condulencias.

De cunço dominical

Veio publicado, no «Diario do Governo», de sexta-feira, o decreto relativo ao descanço semanal.

Entra em vigôr, 15 dias depois da sua publicação, no «Diario do Governo», e dá aos Governadores Civis a facultade de removerem quaesquer difficuldades, que se offereçam á sua integral execução nos districtos do paiz.

PRINCIPE REAL

E' no dia 28 do corrente que, de regresso da sua viagem á Africa, chega a Lisboa Sua Alteza o Principe Real.

NOTAS DE 2\$500 RÉIS

Em razão de terem apparecido em circulação notas falsas de 2\$500 reis, o Banco de Portugal resolveu mandal-as recolher convidando os possuidores a trocal-as nas thesourarias do Banco em Lisboa, da caixa filial no Porto, e das agencias nas capitaes dos districtos até 10 de setembro proximo.

Ahi fica o avizo para o publico ter o cuidado necessario.

TERRIVEL EXPLOSAO

No rez do chão, d'um predio da rua de Santo Antonio, á Estrela cidade de Lisboa, viviam Manoel Vaz Reboldão, caldeireiro, sua mulher Maria José, e uns irmãos Luiz Vaz Reboldão, 2.^o cabo de marinha ros da armada.

Segundo referencias feitas pela imprensa, o Manoel Reboldão, entregava-se a estudos e experiencias com diversas materias perigosas.

No dia 6 ao anoitecer depois do Manoel Reboldão ter regressado a casa, chegou o seu irmão, e em seguida o Mauoel de Brito Bettencourt, professor de allemão no Collegio Callipoleuse.

Fecharam-se todos em casa. Cêrca das 9 1/2 horas ouviu-se um estampido terrivel, seguido de lancinantes gritos de dôr e afflicção.

Accoreu gente, e as primeiras pessoas que chegaram, defrontaram com o seguinte quadro: o Manoel Reboldão estava sentado n'uma cadeira e curvado sobre um balde de zinco cheio d'agua; um pouco mais adiante, apoiados sobre uma meza, viam-se Luiz Vaz e o Bettencourt.

O Manoel Vaz tinha no ventre e no peito cinco grandes ferimentos perforantes, o braço esquerdo esmagado, e a mão dilacerada; Luiz Vaz tinha o olho esquerdo rasgado e varias contusões pelo corpo; e o Bettencourt tinha o cabelo queimado e escoriações pelo rosto.

Pelas paredes havia manchas de sangue e bocados de carne, e sobre a meza, estavam objectos de louça partida.

Tudo o mais ficou intacto.

Os irmãos Reboldão foram transportados ao hospital de S. José, para tratamento, ficando sob prisão.

O professor Bettencourt foi pensionado no hospital da Estrella, e conduzido ao Governo Civil, onde ficou incommunicavel, bem como a Maria José mulher do Reboldão.

Pronunciados illustres

No processo instaurado por virtude dos acontecimentos de 18 de Junho, na estação do Rocio, foram pronunciados como auctores e cumplices, entre outros os srs:

José Bello, dr. João Pinto dos Santos, Moreira de Almeida, dr. Abel de Andrade, visconde da Ribeira Brava, José de Souza, dr. Magalhães Lima, dr. Antonio José de Almeida, França Borges, dr. Arthur Leitão, Ribas de Avellar, Gilberto Gamboa, Antonio Ferreira Chaves, José do Valle e Henrique de Sousa Pinto.

Conselheiro José de Alpoim, dr. Luiz Horta e Costa, José Ferreira Pessoa, dr. Affonso Costa, dr. Antonio Centeno e Pedro Barruncho.

PARTIDO REGENERADOR

O partido regenerador, em razão do fallecimento do seu illustre chefe conselheiro Hintze Ribeiro, está sendo dirigido, provisoriamente, por uma commissão composta dos antigos ministros os snrs. Pimentel Pinto, presidente, Teixeira de Souza, Campos Henriques, Wenceslau de Lima e Antonio d'Azevedo.

CONSELHEIRO ALBANO DE MELLO

Encontra-se em Agueda o snr. Conselheiro Albano de Mello, ilustre Director geral do ministerio da justiça.

DECLARAÇÃO

Estamos auctorizados a declarar que o snr. José Luiz Veiga, de Vallega, membro da commissão avaliadora dos predios urbanos não concordou com o valor dado ao rendimento collectavel dos mesmos predios, pelo facto de o achar exaggerado, como consta do termo de encerramento da respectiva matriz; e assim o rendimento collectavel foi fixado por maioria da commissão, e não por toda a commissão.

Hintze Ribeiro

A Camara Municipal, d'este Concelho, em sua sessão de sete do corrente, mandou exarar na acta um voto de profundo sentimento, pelo fallecimento d'aquelle illustre estadista.

Vales do Correio

Durante o mez de Julho findo pagaram-se pela recebedoria d'este concelho 342 valles do correio, na importancia de réis 8:714:245.

Comparado com igual mez do anno anterior, nota-se para mais uma differencia, em vales, de 80, em réis de 1:987:925.

CAÇA

Consta-nos, que por um socio no Club dos Caçadores do Porto, residente aqui, foi chamada a attenção da Direcção d'aquelle Club, lembrando a conveniencia de ser fiscalizado o rigoroso cumprimento da lei que regula o exercicio da caça, por uma commissão de socios, delegada do mesmo Club, com a cooperação da auctoridade, para o que se pediria a necessaria auctorisação.

Achamos justa tal medida, tanto mais que toda a gente sabe o desrespeito que em Ovar tem havido pelo defeso, que só termina a 31 do corrente.

ADEGA DO LUZIO

Chamamos a attenção dos nossos prezados leitores, para o anuncio, que vem publicado na 4.^a pagina, sob esta epigraphe.

Livraria Mesquita Pimentel

Acabamos de receber d'esta antiga e acreditada livraria, sita á rua de D. Pedro—Porto, o ultimo numero do seu *Boletim Bibliographico* correspondente a agosto, o qual annuncia, a preços reduzidos, uma infinidade de obras de interesse geral, em portuguez, francez, inglez e hespanhol e bem assim muitas outras sobre enge-

nharia, bellas artes, viagens, agricultura, revistas illustradas, litteratura, etc., etc. A referida livraria tem tambem em distribuição catalogos especiaes de livros didacticos, publicações religiosas, etc. Em breve estarão em distribuição pela mesma casa editora Mesquita Pimentel outros catalogos respeitantes a medicina, photographia, direito e jurisprudencia, musicas, theatro, obras raras, etc.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

Em Ovar

Mappa das lições durante a 30.^a semana, desde 4 de agosto a 11 de agosto de 1907.

Agricultura—Assumptos das lições explicativas: Plantação de vinhas; escolha das castas conforme os terrenos; surribo e estruturação; podas de formação e de fructificação. Limpas e podas verdes; doencas: mildio, oidio, ou-thracinose e chlorose.

Trabalhos praticos realizados—Inspeção a pomares doentes e seus tratamentos. Tratamento do pulgão da melancia e da couve. Applicação da oxydina e da sulfuroxydina, contra o mildio e contra o oidio.

Applicação de caldas cupricas lysoladas.

Palestra: Realisa-se em Es-moriz, ás 5 1/2 da manhã.

MANUEL CAPOTO

Tendo-se entregado em 31 de junho passado na estação de S. Bento dois veios d'ago d'uma machina de filetes a pessoa desconhecida que dizia vir para Ovar, para, por obsequio, os entregar n'esta villa a Manuel Capoto e como até agora este os não tenha recebido, devido talvez a esquecimento da possoa que os trouxe, pede a fineza de lh'os entregarem, pois que, a ninguam aproveitando, a elle tem causado e está causando grandes prejuizos.

E' favor que muito agradece Manuel Coelho da Silva (o Capoto) com officina de funileiro na Rua da Graça.

TERRAS

Vendem-se, sendo uma sita nas Hortas e outra no logar de S. João, d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a Francisco Gomes Ramillo, da rua dos Ferradores.

CAZAS

Vende-se junto ou em separado uma casa de 2 andares, sita na Rua dos Campos n.^o 35 e outra de um andar na Rua do Loureiro n.^o 58.

Para tratar com Manoel Rodrigues Leite—Ponte Nova—Ovar.

Concurso

A Camara Municipal do Concelho de Ovar, em harmonia com a respectiva deliberação, faz saber que, por espaço de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», se acha aberto concurso publico para o fornecimento de luz electrica para a illuminação publica e particular da mesma villa, com as condições que se acham patentes na secretaria da referida camara todos os dias uteis, desde as dez horas da manhã até ás quatro da tarde, onde poderão ser examinadas pelos interessados.

Ovar e Secretaria da Camara Municipal, 31 de julho de 1907.

O Presidente

Joaquim Soares Pinto.

ADEGA DO LUZIO

Meu Luzio! Meu PAPUDO!
E's da sorte um bafejado!
—Tiveste jantar taludo;
E eu triste acabrunhado,
Tive a ponta d'um... CANUDO! ..

Eu não tive essas doçuras,
Que tiveste no Domingo! ..
Foi um dia d'amarguras—
—Não provei de vinho um PINGO;
Morri tezo com securas! ..

Ora, pois, meu caro amigo,
Que sabiste um MAGANORIO! ..
Vaes soffrer o teu castigo—
—Tens que dar um bom CAUDORIO,
Uma ISCA e pão de trigo! ..

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.
Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

Horario dos comboys d'esde Aveiro e Espinho ao Porto

ESTAÇÕES	1501 Directo		1503 Supplement.		1505 Tramway		1507 Omnibus		1509 Tramway		1511 Directo		1513 Tramway		1515 Tramway		1517 Sud-Express.		1519 Tramway		1521 Tramway		1523 Omnibus		1525 Tramway		1527 Rapido		1529 Omnibus	
	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	Tar.	
Aveiro	—	—	3,54	5,43	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Cacia	—	—	4,8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Canellas	—	—	4,15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Estarreja	—	—	4,26	65	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Avanca	—	—	4,37	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Vallega	—	—	4,43	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Ovar	—	—	4,51	6,4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Carvalheira	—	—	5,2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Cortegaça	—	—	5,7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Esmoriz	—	—	4,38	5,13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Paramos	—	—	4,42	5,17	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Sisto	—	—	4,45	5,20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Pedreira	—	—	4,49	5,23	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Espinho	4,0	4,57	5,30	6,46	7,0	7,59	8,53	9,35	10,51	12,34	2,39	3,19	4,54	6,14	6,43	8,4	9,5	10,35	11,24	11,5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Granja	1,6	5,4	5,37	6,53	7,7	8,6	8,59	9,42	10,58	12,41	2,44	3,26	5,1	6,21	6,49	8,14	9,12	10,30	11,20	12,2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Arcozelo	—	5,7	5,40	—	7,10	8,9	—	9,45	11,1	12,45	—	3,29	5,4	6,24	—	8,14	9,15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Gulphihares	—	5,12	5,45	—	7,14	8,14	—	9,50	11,6	12,50	—	3,38	5,14	6,33	—	8,19	9,20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Francellos	—	5,16	5,49	—	7,18	8,18	—	9,54	11,10	12,54	—	3,45	5,21	6,40	7,3	8,30	9,31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Valladares	—	5,23	5,56	—	7,25	8,25	—	10,1	11,17	1,1	—	3,49	5,26	6,44	7,3	8,34	9,35	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Magdalena	—	5,27	6,0	—	7,29	8,29	—	10,5	11,22	1,5	—	3,54	5,31	6,49	—	8,39	9,40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Coimbrões	—	5,32	6,5	—	7,34	8,34	—	10,10	11,27	1,10	—	3,54	5,31	6,49	—	8,39	9,40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Gaya	1,22	5,41	6,11	7,20	7,38	8,39	9,15	10,16	11,34	1,23	3,0	4,0	5,37	6,55	7,19	8,43	9,46	10,57	11,58	12,33	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
General Torres	—	5,45	6,15	—	7,42	8,43	—	10,20	11,37	1,27	—	4,6	5,41	6,59	7,23	8,47	9,50	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Campanhã	1,30	5,52	6,22	7,30	7,49	8,50	9,23	10,27	11,44	1,35	3,8	4,13	5,48	7,6	7,30	8,54	9,57	11,5	12,6	12,50	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
P. S. Bento	1,40	—	6,32	7,47	7,59	9,1	9,33	10,37	11,54	1,51	3,19	4,23	5,58	7,17	7,46	9,4	10,7	11,16	12,22	1,05	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

EXTRACTO DO CATALOGO

Obras á venda no BAZAR FENIANO

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270 - PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rie das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões.	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	60
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	60
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borracheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaldeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formosa Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60

Horario dos comboys d'esde Porto e Espinho a Aveiro

ESTAÇÕES	1502 Tramway		1504 Tramway		1506 Omnibus		1508 Tramway		1510 Directo		1512 Tramway		1514 Tramway		1516 Expresso		1518 Supplement.		1520 Tramway		1522 Directo		1524 Sud-Express.		1526 Tramway		1528 Omnibus		
	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	Man.	
P. S. Bento	12,0	5,20	3,5	6,59	7,35	8,10	8,49	9,47	12,16	1,55	2,45	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Campanhã	12,10	5,30	3,5	7,10	7,50	8,20	9,0	10,0	12,25	2,5	3,8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
G. Torres	12,18	5,38	—	7,17	—	8,28	—	10,7	12,33	2,13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Gaya	12,24	5,42	7,6	7,21	7,58	8,32	9,11	10,13	12,37	2,17	3,19	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Coimbrões	12,29	5,47	—	7,26	—	8,37	—	10,18	12,42	2,22	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Magdalena	12,32	5,50	—	7,29	—	8,40	—	10,21	12,45	2,25	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Valladar	12,36	5,54	7,14	7,33	—	8,44	—	10,25	12,49	2,29	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Francellos	12,4	5,59	—	7,38	—	8,49	—	10,30	12,54	2,34	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Gulphihares	12,45	6,3	—	7,42	—	8,53	—	10,34	12,58	2,38	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Arcozelo	12,49	6,7	—	7,47	—	8,57	—	10,38	1,2	2,42	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Granja	12,53	6,11	7,24	7,51	8,13	9,1	—	10,42																					